

NARRATIVAS AMARILIANAS: UM OLHAR SOBRE A CONDIÇÃO INTERSTICIAL DOS CABO-VERDIANOS NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

JAQUELINE TEODORA ALVES CARDOSO*

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Neste trabalho, pretende-se evidenciar, a partir da análise de contos das obras *A casa dos mastros*, *Ilhéu dos pássaros* e *Cais-do-Sodré Té Salamansa*, de Orlanda Amarílis, em que medida a enunciação do entre-lugar pode ser entendida como estratégia que contribui com a reflexão sobre a sociedade cabo-verdiana pós-independente e evidencia a ação da autora como intelectual.

Palavras-chave: Entre-lugar; Literatura menor; Intelectual; Diáspora; Orlanda Amarílis.

A performance dos intelectuais tem sido alvo de um número expressivo de estudos e debates, principalmente no âmbito acadêmico. Isso coloca em evidência o anseio que se tem por entender a real função desse sujeito crítico ante as intrincadas questões postas pela contemporaneidade, uma vez que suas atribuições variam ao longo dos tempos devido às multifacetadas transformações sociais.

Na modernidade, por exemplo, acreditava-se que os intelectuais eram responsáveis por falar em nome das minorias, daqueles cuja voz era silenciada. Enquanto a classe a qual representavam não se libertava das amarras que lhes impediam de pensar e de agir, dispunham-se a falar em nome dela. Mesmo não sendo, quase sempre, reconhecidos, estavam prontos para acusarem, para buscarem, através do conhecimento, promover a justiça. Assim, tomavam partido e usavam o espaço público para mostrarem-se solidários aos indivíduos que não alcançavam a representatividade necessária para efetivar as rupturas e as mudanças que necessitavam.

Na atualidade, entretanto, esse papel parece ganhar contornos diferentes. A compreensão que se tem é que os intelectuais parecem não ter a pretensão de falar por outrem, mas de usar suas habilidades racionais para propor reflexões críticas sobre a realidade, sem, contudo, levantar bandeiras.

No que se refere à intelectualidade africana, pode-se dizer que, desde os primórdios de sua constituição, ela buscou revelar as situações com que, cotidianamente, deparavam-se os africanos e publicizar a realidade de uma minoria há muito silenciada. Isso contribuiu para que as literaturas pós-coloniais africanas de língua portuguesa extrapolassem o seu caráter puramente literário e enunciassem “problemáticas (políticas, ético-morais, socioculturais, ideológicas e económicas) que seriam mais adequadas ao discurso científico *strictu sensu*”. (MATA, 2006, p. 34). Segundo Inocência Mata, as literaturas africanas de língua portuguesa, nesse sentido, acabaram suprindo a falta de registros científicos sobre a história dos povos africanos e, por isso, tornam-se úteis para reler o processo de colonização e pós-independência, eminentemente apresentados sob a visão do europeu.

Dessa forma, julga-se relevante o papel desempenhado pela cabo-verdiana Orlanda Amarílis que, dentre os escritores vanguardistas, foi capaz de ultrapassar as barreiras do presente e da sua condição de mulher para refletir criticamente sobre a condição social, política e cultural de seu país.

Pretende-se, assim, nesta comunicação, refletir sobre a contribuição da produção literária de Orlanda Amarílis para o entendimento da condição pós-independente de Cabo Verde e do processo de formação contínuo da fragmentada identidade local, e, a partir daí, constatar sua atuação como intelectual.

VOZES DO ENTRE-LUGAR

Analisando detidamente os contos amarilianos, é possível afirmar que boa parte deles apresenta algumas características comuns, referentes ao fazer literário. Dentre elas, pode-se destacar a recorrência de enredos cujo mote é a condição de personagens que vivenciam os deslocamentos espacial e social e a presença de narradores que, quase sempre, enunciam de um lugar intermediário e marginal. Acredita-se que essa recorrência propicia a reflexão sobre os deslocamentos vivenciados pelos personagens, que, de certa forma, podem ser entendidos como representação do povo insulano, o que dá à obra um caráter coletivo.

Isso permite apontar para a possibilidade de se compreender a produção amariliana a partir das proposições de Deleuze e Guatarri. Na célebre obra *Kafka: por uma literatura menor* (1977), os estudiosos estabelecem uma reflexão sobre as principais características da literatura menor, explicando que ela não se trata da produção literária “de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”. (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 25). Percebe-se que o significado do adjetivo usado para qualificar a literatura não está associado à inferioridade, mas sim ao fato de ela ser produzida por uma minoria. Segundo Deleuze e Guatarri, na literatura menor, tudo é político, ao contrário das grandes literaturas nas quais

o caso individual (familiar, conjugal, etc.) tende a ir ao encontro de outros casos não menos individuais, servindo o meio social como

ambiente e fundo; (...) A literatura menor é totalmente diferente; seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 26).

Percebe-se, então, que, na literatura menor, casos individuais acabam revelando outras histórias. Eles seriam, portanto, o ponto de interseção que, de alguma forma, liga a vivência de um grupo. Nesse sentido, o contexto social deixa de servir de pano de fundo e constitui-se como parte indispensável para a compreensão da trama, o que dá a essa literatura um aspecto político.

Nas coletâneas de contos de Orlanda Amarílis, publicadas em épocas distintas, isso pode ser observado, principalmente, por meio das narrações das desditas das personagens que vivenciam a diáspora. Como exemplo, pode-se citar os contos “Thonon-les-Bains”, da coletânea **Ilhéu dos pássaros** (1983), ou “Cais-do-Sodré”, da coletânea **Cais-do-Sodré Té Salamansa** (1991). Em ambas as narrativas, as ambivalências do deslocamento espacial são narradas em terceira pessoa e protagonizadas por cabo-verdianos que viam, no desterro, a perspectiva de uma vida melhor e, no entanto, deparam-se com a cruel realidade de viverem numa sociedade, mas não fazerem parte dela efetivamente.

A história de Gabriel e Piedade, em “Thonon-les-Bains”, parece mostrar isso. O submundo em que esses dois jovens passam a viver não condiz com a expectativa dos relatos feitos por Gabriel nas missivas que enviava para nh’Ana, nem com o que sonhava essa matriarca:

Gabriel enteadado de nh’Ana prometera levar a sua meia-irmã para França e não se esquecera. (...) “Mas, comadre Ana, bocê não tem medo de mandar a sua filha assim sozinha para tão longe?” “Como comadre, medo de quê? Medo de nada. Gabriel explicou tudo muito bem explicado. Piedade vai agora, depois, daqui a uns dois anos vai o Juquinha, depois Maria Antonieta e depois vou eu mais o Chiquinho”. (AMARÍLIS, 1983, p.13).

O fragmento acima evidencia que nh’Ana via, na imigração paulatina de toda a sua família para França, a solução, a possibilidade de se ver livre da miséria e das dificuldades que enfrentava em Cabo Verde. O que se percebe, porém, no desenrolar da narrativa, é que, mesmo nas declarações festivas de Gabriel, fica patente que eles não estavam tão distantes assim da pobreza e da marginalização, pois eram tratados pela sociedade francesa como lixo e escória.

Essa rejeição também pode ser vislumbrada em “Cais-do-Sodré”. Diferentemente, porém, do que se passa em “Thonon-les-Bains”, a xenofobia não partia apenas da sociedade para a qual imigravam os insulanos, pois incluía o próprio cabo-verdiano em relação a seu patricio. Por meio da intrincada maneira como Andresa se dispõe a aproximar-se de Tanha, a produção de Amarílis, mais uma vez, conduz a uma reflexão sobre o coletivo, a partir de um caso individual, mostrando, através dessa narrativa, como são tensos os processos em que se estabelecem as diferenças culturais entre os cabo-verdianos imigrantes.

Pode-se dizer que, ao tematizar esse processo, a obra de Amarílis não apenas mostra que essa é a condição dos insulanos, mas também elucida quão angustiante é esse processo de reencontro com a própria cultura. No caso de Andresa, essa dificuldade em lidar novamente com os costumes de sua terra, manifestados através do encontro com Tanha, deixa transparecer a experiência contraditória de ser cabo-verdiana, mas de não mais se identificar com sua nação, ainda que, a princípio, a personagem ansiasse por isso. Há trechos em que o narrador relata que Andresa vivia à espera de um encontro com algum patrício, pois sentia necessidade de falar,

de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto feito o contacto, o desencanto começa a apoderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. (AMARÍLIS, 1991, p. 15).

Como elucida o excerto acima, a identidade de Andresa é marcada pelo “entre”, visto que ela não se pode dizer portuguesa, pois é cabo-verdiana, mas, ao mesmo tempo, também não aparenta se identificar com os hábitos e os costumes de seu povo. Ao focalizar esses interstícios ou lugares intermediários, a obra de Amarílis corrobora, assim, o seu caráter político.

Observa-se que boa parte dos narradores amarilianos compõem seus relatos a partir da vivência de personagens que desfrutam dessa condição. Uma narrativa que ilustra tal ocorrência é “Rolando de nha Concha”, da coletânea **Cais-do-Sodré Té Salamansa** (1991). Nela, o eixo central é a história do protagonista que morre, mas não se dá conta de sua situação. Durante os preparativos para seu velório, ele divagava sobre as pessoas que acompanhavam o traslado de seu corpo e deitava comentários ácidos sobre elas. O que se percebe, assim, é que Rolando estava morto sem ter se conscientizado disso.

Enredos como esse comprovam que Amarílis, como intelectual do entre-lugar, acaba trazendo para sua obra, ainda que metafóricamente, as incoerências e os conflitos próprios da experiência diaspórica e fronteiriça vivida por seus conterrâneos. Grande parte de seus narradores e personagens, por exemplo, refletem sobre as tensões dos indivíduos que transitam entre o ser e o ser outro, como é o caso de Rolando; outros, realmente, vivenciam essa condição limiar, híbrida, pois não estão, exatamente, em nenhuma extremidade espacial, cultural ou identitária, mas no meio, no interstício desse processo, seja por desfrutarem de condições básicas para a sobrevivência e ainda terem atitudes pautadas na autopiedade e, em certo ponto, na injustiça, como é o caso de nha Luzia, do conto “Esmola de Merca”, da coletânea **Cais-do-Sodré Té Salamansa** (1991), ou por não serem mais colonos, mas reproduzirem o modo de vida colonial.

Muitos personagens e narradores amarilianos que se encontram nesse espaço intermediário manifestam, entretanto, uma percepção acrítica de si mesmos, são sujeitos que vivem o entre-lugar e, quase sempre, demonstram não ter consciência dessa situação.

Essa inadaptação e a falta de consciência do real lugar ocupado por esses personagens aparecem no conto “Canal Gelado”, da coletânea **Ilhéu dos pássaros** (1983). À medida que se apresenta a protagonista Mandinha, residente na reserva de gente branca, transitando entre seu espaço e a região do Canal, tem-se novamente a tematização do lugar intermediário ocupado também pelos cabo-verdianos, mas daqueles que haviam permanecido em Cabo Verde:

Mandinha continuou encostada à parede, cabeça muito hirta a escutar. Não se ouviu mais nada. Uma mão tocou-lhe no ombro. Mandinha afastou-se, sempre encostada à parede. Trivede de pé descalço, a pôr a sua mão suja no meu ombro. Voltou a cara e meteu a língua entre os dentes de cima e o lábio superior. Espremeu os olhos com força. (...) Mandinha apanhou o saco da escola do chão, pô-lo no ombro. “Eu não conheço você, eu não falo com gente descalça”. (AMARÍLIS, 1983, p. 73).

Fica notório, nesse fragmento, que a protagonista se sentia superior aos moradores da paragem do Canal. A falta de uma percepção crítica da condição social da nação como um todo é acentuada nessa narrativa, já que, por mais que morasse numa casa mais confortável e apresentável do que as que existiam no Canal, Mandinha também se encontrava inserida numa sociedade que vivia os resquícios da colonização, que era alvo da estaticidade social e que, portanto, estava à margem do que se poderia considerar hegemônico.

Nessa perspectiva, o que a obra amariliana parece evidenciar é que a falta de coesão social e de solidariedade dos personagens só promoveria mais rupturas internas e faria com que a sociedade permanecesse na inércia social que é apresentada no conto. Como a narradora ressalta em sua análise das transformações ocorridas no Mindelo, havia mudado a paisagem da cidade, as ruas e praças, mas os infortúnios, o drama da miséria, isso persistia e persiste na forma da estagnação social.

Pode-se afirmar, assim, que os personagens das narrativas de Amarílis e os enredos que as compõem reverberam uma enunciação coletiva que extrapola, que vai além de casos isolados ou individuais. Deleuze e Guatarri destacam que a enunciação literária, por mais individual que seja, reflete uma enunciação coletiva, pois,

quando um enunciado é produzido por um celibatário ou uma singularidade artista, só o é em função de uma comunidade nacional, política e social, mesmo que as condições objetivas dessa comunidade no momento ainda não sejam dadas fora da enunciação literária. (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 121).

As narrativas de Orlanda Amarílis podem ser entendidas, então, como representações da própria nação cabo-verdiana. Nelas, narradores e personagens falam de um lugar marcado pela marginalização, seja porque estão mortos, porque são insanos ou, ainda, porque estão postos à margem da sociedade, vivendo os reveses do pós-independência.

No conto “A casa dos mastros”, da coletânea **A casa dos mastros** (1989), por exemplo, deparamo-nos com uma narradora morta que

nos conta a história da família que habitara a casa, especificamente, da personagem Violete. Entende-se, assim, que a escolha desse narrador que profere sua enunciação livre das amarras e das regras sociais não é fortuita. Pelo contrário, pode-se pensar que a opção por tal narrador resulta da pretensão de mostrar que, para falar a verdade ou aquilo que vai de encontro ao discurso oficial, faz-se necessário não se pretender ser, tampouco sentir-se cooptado pelas forças institucionais.

Nessa medida, percebe-se que, por meio desses narradores do entre-lugar, Amarílis busca refletir sobre a condição de seu povo. Em sua obra, os casos e os conflitos individuais acabam evidenciando a realidade de um grupo. Assim, tudo se torna político e o texto literário torna-se espaço de apuração e de reflexão.

Essa feição política da produção amariliana é acentuada através dos narradores que, na maioria das vezes, parecem dar ao narratário informações preciosas para a compreensão da dinâmica social cabo-verdiana. Tudo isso, porém, presentifica-se nos contos com um tom despropositual, como se estivessem, narrador e narratário, a dialogar. Por isso, ao ler os contos, tem-se a sensação de que se está frente a um contador disposto a compartilhar com seu interlocutor suas intrincadas experiências.

É possível dizer, então, que, por meio desses narradores, Amarílis des-territorializa a forma habitual de narrar em sua cultura. Por se valer de um meio eminentemente canônico, a escrita, pode-se dizer que a escritora, de certa forma, rasura a tradição narrativa africana, a qual é propagada por via da oralidade. Ao mesmo tempo, Amarílis reterritorializa essa experiência, já que lança mão de um tipo de narrador que parece estar a *papiâ*, a conversar com alguém bastante próximo.

Esse processo, entretanto, empreende-se por meio da inquietação que a enunciação do narrador produz no narratário, à medida que se propõe a narrar fatos extraídos do universo cabo-verdiano, os quais, muitas vezes, são controversos e tocam na ferida da nação recém-independente, o que instaura uma sensação de desconforto ou de estranhamento, por meio da qual, talvez, procura-se conduzir à reflexão.

No conto “Cais-do-Sodré”, por exemplo, Amarílis constrói um narrador que nos relata o encontro de duas cabo-verdianas que vivenciam a experiência da diáspora. No nível da narrativa, pode-se dizer que há uma solidariedade que é manifestada de forma ambígua, já que, numa leitura simplória, poder-se-ia compreender que Andresa, quando decide acompanhar Tanha no trajeto de trem, estaria sendo solidária à cabo-verdiana. Percebe-se, porém, nas entrelinhas da narrativa, que a manifestação dessa compaixão à personagem está mais relacionada ao posicionamento de superioridade da protagonista frente à conterrânea do que à aparente solidariedade.

A partir da postura que Andresa assume diante da solitária Tanha, é possível vislumbrar a percepção dos imigrantes cabo-verdianos sobre o lugar social que eles ocupam. Nota-se que, por já residir em Lisboa, Andresa não se identifica tanto com sua conterrânea e aparenta sentir-se numa condição superior a ela. A protagonista, entretanto, parece

não se dar conta de que vive num espaço intermediário no que se refere aos aspectos socioidentitários.

Andresa representa, assim, o estereótipo dos cabo-verdianos que experienciam o desterro. Aparentemente, demonstram-se adaptados à vida fora de Cabo Verde, mas o que se verifica, na verdade, é que não enxergam criticamente a realidade, a própria condição social de que desfrutam sendo migrantes.

Nota-se, na forma como Andresa se coloca diante de Tanha, por exemplo, a crença de que estava em uma situação mais confortável do que a conterrânea. Amarílis, entretanto, propicia, por meio desse modo de agir da protagonista, uma situação que torna questionável até que ponto poderia Andresa se sentir superior a sua patrícia, se ambas vivenciam a mesma condição de imigrante: exiladas, deslocadas em relação ao espaço e, conseqüentemente, à identidade.

Ao criar essa situação, Amarílis aborda aquilo que pode causar incômodo e mal-estar em sua comunidade, o que, de certa forma, permite-nos refletir sobre a realidade social de Cabo Verde a partir de situações triviais, mas que tocam no cerne das questões que evidenciam a postura acrítica de alguns cabo-verdianos.

O fato de Andresa exclamar “Coitada de Tanha! Vou com ela até Caixias.” (AMARÍLIS, 1991, p. 18), por exemplo, evidencia a sua percepção acrítica da realidade e leva-nos a refletir que coitadas são as duas personagens, Andresa e Tanha, que vivenciam o exílio e suas ambivalências; coitados são os demais cabo-verdianos que, assim como Andresa, não se dão conta do lugar social que ocupam na diáspora, julgam-se inseridos numa sociedade, mas não fazem parte dela, não atuam, não têm voz e, conseqüentemente, não exercem a cidadania.

As atitudes de Andresa, nesse sentido, acentuam a reflexão crítica que pode ser apreendida dessa narrativa de Amarílis, uma vez que, enquanto ela dialogava com Tanha, bem como enquanto rememorava as histórias sobre seu povo, ela demonstra se sentir superior aos conterrâneos que chegavam a Lisboa. Isso pode ser observado na passagem em que Andresa se questiona por dar atenção a Tanha:

Sou mesmo disparatenta. Se eu era Andresa da Silva, Andresa filha de nhô Toi Silva de Casa de Madeira? Sim, senhora, sou Andresa, sobrinha de nh’Ana, filha de nhô Toi. Mais conversa pá mode quê? Ainda hei-de perder essas manias (...) de dar trela a todo biscareta da minha terra. (AMARÍLIS, 1991, p. 11).

Nota-se a preocupação de Andresa em identificar-se não simplesmente pela nacionalidade, mas pelo sobrenome, pela família a que pertencia, enquanto sua interlocutora se caracteriza, no conto, pelo desfolhar de sua história pouco auspiciosa, que se confunde com a dos demais cabo-verdianos: fora para Lisboa acompanhar o pai no tratamento médico; ele, porém, morre dois dias após a viagem. O narrador, ao apresentar as diferentes maneiras como ambas as personagens assumem suas identidades na narrativa, revela a indiferença que existe da parte de Andresa para com a conterrânea Tanha.

Por meio das facetas desse narrador, a obra de Amarílis focaliza o deslocamento identitário e evidencia quão múltiplas e fragmentadas são as identidades dos que vivem a diáspora. Por mais que Andresa ansiasse por reencontrar seus patrícios e reviver um pouco de sua cultura, não mais se identificava totalmente com eles, pois, junto com os elos que a ligavam às ilhas de origem, havia outras forças centrípetas que a relacionavam a outros grupos. Conforme ressalta Hall, isso acarreta, para os imigrantes, uma dificuldade para se religarem às suas sociedades de origem, pois

muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a terra tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. “Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente”. (HALL, 2003, p. 27 – grifo nosso).

Essa percepção de deslocamento torna fatal a noção de que os povos que vivem a diáspora não têm uma origem identitária única, mas multicultural. Através desse contato de culturas diversas, as minorias ou guetos selecionam e reinventam as práticas a eles transmitidas pela cultura dominante. Dessa forma, o lugar em que se promove esse entrecruzamento identitário torna-se tão híbrido quanto os espaços de onde vêm os imigrantes.

O narrador amariliano, assim, busca ligar esses dois universos, metrópole e periferia, para mostrar não apenas o corolário desse contato, mas o processo em si. Isso pode ser entendido como uma maneira de evidenciar que se trata de uma situação em que coexistem várias facetas que negociam e devem ser levadas em consideração.

Assim, em algumas narrativas, a condição dos que experimentam esse contato entre culturas no espaço periférico do globo é publicizada. Em “Esmola de Merca”, tem-se expressa essa empreitada. Ao abordar a distribuição dos presentes doados pelos cabo-verdianos que viviam na América, o narrador focaliza as disparidades sociais e revela as condições precárias em que viviam seus conterrâneos. Muitos dos personagens, que se dedicavam a ir receber a esmola, não possuíam moradia, vestuário, tampouco alimento.

Além disso, são focalizadas a falta de senso de justiça e a ganância de alguns que possuíam bens, isto é, que não precisavam das esmolas para sobreviver, mas, ainda assim, submetiam-se àquela agitação intensa, tirando das mãos dos necessitados aquilo de que não precisavam. No conto, esse papel é desempenhado por nha Luzia, proprietária de um botequim que participa da distribuição, recebendo banha e farinha. A maneira como ela é caracterizada, no início do conto, pelo narrador, é relevante para que se possa compreender a atuação deste na proposição de um pensamento crítico a respeito do comportamento da personagem, já que apresenta, previamente, sua percepção sobre ela para avaliar a sua aparição na distribuição das doações:

Nha Luzia era uma mulherona de cabelo inchado. Só se penteava com pente de pau de laranjeira para lhe acalmar as dores de cabeça de que sofria desde menina. “Haveria de dizer isso mesmo no pátio da Administração, quando, também nesse dia, de mistura com as outras, fosse receber a sua parte de esmola vinda da América.” (AMARÍLIS, 1991, p. 50 – grifo nosso).

Nota-se que, sutilmente, é ressaltada a prerrogativa que nha Luzia usaria para justificar sua participação no evento. De certa forma, o narrador evidencia a ambição desenfreada da personagem que, mesmo tendo ciência de que não precisava dos bens ali ofertados, busca se mascarar de vítima:

Aturdida, estendeu os embrulhos para nha Luzia, majestosa na saia rodada de cocktail, a sua parte de esmola de Merca. Recebeu-os de olhos baixos e sem-vergonha na cara. (...) Nha Luzia escapuliu-se, comprometida e descarada, através das pedintes de braços descartados. (AMARÍLIS, 1991, p. 58).

Conforme se percebe no trecho acima, nha Luzia não se sente constrangida por participar da distribuição da esmola, isto é, por estar ali sem ter realmente necessidade. Tal fato exemplifica algumas das atitudes pouco solidárias de alguns dos personagens amarilianos – alegorias dos cabo-verdianos – em relação aos patrícios que enfrentavam, de frente, o terror da pobreza.

Essa indiferença também pode ser observada no conto “Canal Gelado”, no qual a impassibilidade do grupo mais abastado diante da pobreza dos moradores da região do Canal também salta aos olhos do leitor. Nesse conto, isso é evidenciado através de uma garota cuja família cabo-verdiana julgava-se superior aos moradores do Canal porque residia em um lugar onde as casas eram bem-apresentadas.

Nessa direção, a proposta de reflexão apresentada é clara: embora se saiba que o lugar influencia no exercício da cidadania, o que essa família possuía de tão insigne que lhe permitia julgar-se superior aos moradores dessa região a ponto de discriminá-los? Numa perspectiva mais global, não seria essa família tão miserável e alvo dos problemas sociais por que passara a sociedade cabo-verdiana, mesmo que de forma mais minimizada? São questões depreendidas da sutileza do narrador amariliano.

A partir de casos individuais, mas que podem ser imediatamente ligados a outros, os narradores desses contos, de certa forma, apontam para as contradições que persistiam dentro da própria sociedade cabo-verdiana, contradições essas que, embora resultem também de ações externas, não foram provocadas somente por alguém de fora, mas resultam de comportamentos dos próprios nativos.

Assim, pode-se dizer que Orlanda Amarílis, como intelectual da diáspora e do entre-lugar, contribui, através de sua produção literária que olha “o coletivo através do individual” (ABDALA JÚNIOR, 1999, p. 88), para que se possa refletir acerca das relações interculturais e de

sua incidência sobre a identidade cabo-verdiana. Sua experiência diaspórica lhe garante propriedade para discorrer e propor essas reflexões sem, contudo, incorrer no risco de envolver-se excessivamente com elas, de modo a perder a percepção crítica.

ABSTRACT

In this essay, we intend to show, from the analysis of the stories "Thonon-les-Bains", "Cais- do-Sodre", "Rolando de nha Concha", "Esmola de Merca", "Canal Gelado" and "A casa dos Mastros", how the enunciation of in betweenness can be understood as a strategy that contributes to the discussion about the post-independent Cape Verdean society and show the relevance of Orlanda Amarílis as an intellectual.

Keywords: Betweenness; Minor Literature; Intellectual; Diaspora; Orlanda Amarílis.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, B. Orlanda Amarílis, literatura de migrante. *Via Atlântica*, São Paulo: Edusp. v. 3, p. 76-89, 1999.
- AMARÍLIS, Orlanda. *A casa dos Mastros*. Linda-a-velha: ALAC, 1989.
- AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré Té Salamansa*. Linda-a-velha: ALAC, 1991.
- AMARÍLIS, Orlanda. *Ilhéu dos Pássaros*. Lisboa: Plátano, 1983.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? *Ipotesi*. Juiz de Fora: UFJF. v. 10, n. 1, n. 2, p. 33-44, jan/jun, jul/dez 2006.